

Monte Carmelo

FORMAÇÃO PASTORAL E CATEQUÉTICA - APOSTOLADO EM SÃO JOÃO DA CRUZ



Pág. 8



Pág. 11

TESTEMUNHOS E HISTÓRIAS
DE VOCAÇÃO, PERCURSO
HUMANO E DE FÉ



Pág. 14

FÓRUM
SÃO JOÃO
DA CRUZ



Pág. 15

OS PRONOMES DA
RADICALIDADE E DA TOTALIDA-
DE EM S. JOÃO DA CRUZ

FORMAÇÃO ESPIRITUAL:
O ROSTO DA UNIÃO COM DEUS

Pág. 17

A UNIÃO MÍSTICA COM DEUS:
O CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

Pág. 19

FRATERNA NO CARMELO:
A PALAVRA QUE NOS UNE

Pág. 24

CORAGEM PARA NÃO SERMOS
CARMELITAS DE MUSEU

Pág. 26

EXPEDIENTE

Coordenador

Romário Pinheiro

Editor

Wallace Bertoli Moreira

Equipe Editorial

Sabrina Klein Penitente

Marta Oliver Batalha

Elaine dos Santos Pereira

Colaboradores

Anderson Vergílio de Queiroz

Artur Viana do N. Neto

Bárbara Arrais

Comissão de Vida Fraterna

Elaine dos Santos Pereira

Frei César Cardoso, ocd

Frei José V. Rodriguez, ocd

Frei Rafael Maria de Jesus

Crucificado, ocd

Iliane Macedo Silva Mendes

Luciano Dídimo

Maria Sônia de Souza Almeida

Sabrina de Santa Teresa de

Jesus e da Trindade, ocds

Vera Melo Dos Santos

Wallace Bertoli Moreira

Diagramação

Robson Andrade

contato@robsonandrade.com

www.robsonandrade.com

OCDS - Província São José

Associação das Comunidades

da Ordem dos Carmelitas

Descalços Seculares no Brasil

da Província São José

CNPJ: 08.242.445/0001-90

Para informações e orientações sobre envio de material para publicação, solicite informações via e-mail: revistamontecarmeloocds@gmail.com

EDITORIAL

EVANGELIZAÇÃO POR MEIO DA ESCRITA



Wallace Bertoli Moreira

Grupo Virgem de Nazaré
Vitória / ES

A missão da Igreja sempre foi anunciar o Evangelho em todos os tempos e lugares. Hoje, em meio às múltiplas formas de comunicação, a escrita continua sendo um instrumento privilegiado de evangelização. A Revista Monte Carmelo, inspirada pelas orientações da Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares, assume esse compromisso missionário: levar a Boa Nova por meio das palavras impressas e em conteúdos digitais, que alcançam corações e mentes. Como nos recorda Santa

Teresa de Jesus, é necessária a “determinada determinação” para perseverar nesse caminho, mesmo diante das dificuldades.

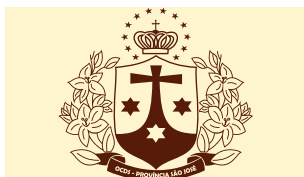
Por meio da palavra escrita como testemunho, ela não é apenas informação, mas testemunho. Cada artigo, reflexão ou partilha se torna um espaço onde o leitor encontra sinais vivos da fé. Numa vivência de evangelização contínua, pois a missão não se limita ao púlpito ou às celebrações litúrgicas. A escrita prolonga o anúncio, permitindo que o leitor retorne ao texto, medite e se deixe transformar pela mensagem.

Seguir com determinada determinação como Santa Teresa nos ensina em perseverança é essencial. Evangelizar por meio da escrita exige disciplina, constância e coragem para enfrentar o silêncio, a indiferença ou até mesmo a crítica. O diálogo com o leitor mediante a revista abre espaço para um diálogo espiritual. O leitor é convidado a refletir, responder interiormente e, quem sabe, também se tornar evangelizador através de sua própria palavra. A missão e espiritualidade carmelitana, centrada na oração e na contemplação, encontra na escrita uma forma de irradiar luz. Assim, cada página da revista se torna um prolongamento da missão contemplativa que se abre ao mundo.

Evangelizar por meio da escrita é um ato de amor e serviço. É semear palavras que podem florescer em fé, esperança e caridade. A Revista Monte Carmelo é instrumento dessa missão, sustentada pela espiritualidade carmelitana e pela “determinada determinação” de Santa Teresa de Jesus. Que cada leitor, ao abrir suas páginas, sinta-se chamado a viver e anunciar o Evangelho, tornando-se também missionário da Palavra.



Foto: Revista Monte Carmelo, edição 189, 2026.
Fonte: Site Província São José.



1

QUERIDOS IRMÃOS E IRMÃS DAS COMISSÕES DA OCDS

Pág. 05



2

A PRESENÇA DE MARIA NO CARMELO: INSPIRAÇÃO PARA NOSSA MISSÃO

Pág. 06



3

VENHA BEBER DESSA FONTE! SÃO JOÃO DA CRUZ

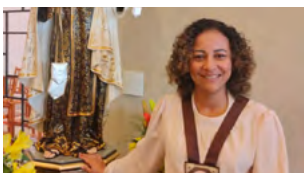
Pág. 07



4

FORMAÇÃO PASTORAL E CATEQUÉTICA APOSTOLADO EM SÃO JOÃO DA CRUZ

Pág. 08



5

TESTEMUNHOS E HISTÓRIAS DE VOCAÇÃO, PERCURSO HUMANO E DE FÉ A HERANÇA ESPIRITUAL DE SÃO JOÃO DA CRUZ NA MINHA VIDA COMO CARMELITA SECULAR

Pág. 11



6

FÓRUM SÃO JOÃO DA CRUZ

Pág. 14



7

OS PRONOMES DA RADICALIDADE E DA TOTALIDADE EM S. JOÃO DA CRUZ

Pág. 15



8

**FORMAÇÃO ESPIRITUAL:
O ROSTO DA UNIÃO COM DEUS**

Pág. 17



9

**A UNIÃO MÍSTICA COM DEUS:
O CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO
INTERIOR**

Pág. 19



10

**TRANSVERBERAÇÃO DO CORAÇÃO DE
S. TERESA DE JESUS: UMA MEMÓRIA
VIVA PARA O CARMELO**

Pág. 22



11

**FORMAÇÃO PASTORAL E CATEQUÉTICA
VIDA FRATERNA NO CARMELO: A PALA-
VRA QUE NOS UNE**

Pág. 24



12

**CORAGEM PARA NÃO SERMOS
CARMELITAS DE MUSEU**

Pág. 26



13

**S. MÍRIAM DE JESUS CRUCIFICADO
O “PEQUENO NADA” A SERVIÇO DO
CARMELO**

Pág. 29



14

**VAMOS LER SÃO JOÃO
DA CRUZ: POR ONDE COMEÇAR
A LEITURA DE SUAS OBRAS?**

Pág. 31



15

**ATUALIDADES E NOTÍCIAS: DIÁLOGO
ENTRE SÃO JOÃO DA CRUZ E VIKTOR
FRANKL: A PESSOATES**

Pág. 34

MENSAGEM PROVINCIAL: QUERIDOS IRMÃOS E IRMÃS DAS COMISSÕES DA OCDS

Vera Melo Dos Santos
(Presidente Provincial)

Luciano Dídimo
(Conselheiro Provincial)



A Revista Monte Carmelo é um espaço precioso de comunhão, formação e partilha da riqueza de nossa vocação carmelitana. Para que ela continue viva e cumpra cada vez melhor sua missão, precisamos da participação de todos.

Cada Comissão tem experiências, reflexões, projetos e testemunhos que merecem ser partilhados. Escrever para a revista é também uma forma de missão: é fazer circular aquilo que vivemos, aprendemos e construímos juntos, permitindo que uma experiência local possa iluminar e inspirar irmãos e irmãs de outras comunidades.

Por isso, convido cada Comissão a incorporar a Revista Monte Carmelo ao seu trabalho, enviando textos, notícias, reflexões e relatos de suas atividades.

Santa Teresa nos recorda que o amor verdadeiro se traduz em obras. Que possamos também fazer da palavra escrita um serviço ao Carmelo e à Igreja. Vamos juntos manter acesa essa chama, fazendo da nossa revista cada vez mais um espaço de encontro, formação e comunhão.

Com fraterna alegria no Carmelo,

FORMAÇÃO PASTORAL - A PRESENÇA DE MARIA NO CARMELO: INSPIRAÇÃO PARA NOSSA MISSÃO

Editorial Revista Monte Carmelo
(Equipe de Editoração)



Foto: Revista Monte Carmelo, edição 189, 2026.

Fonte: Site Província São José.

Prezado leitor da Revista Monte Carmelo, celebramos juntos no mês de julho a Solenidade de Nossa Senhora do Carmo, ocasião em que renovamos nossa gratidão pelo dom da vocação carmelitana. Como nos recorda Frei Edinaldo da Silva, OCD, Provincial da Província São José, no documento *Salutem In Domino Sempiternam* para a Solenidade de Nossa Senhora do Carmo (2026), que esta festa é uma oportunidade para fortalecer nossa fidelidade ao Senhor e ao carisma carmelitano. Maria, Mãe e Padroeira, ocupa lugar central em nossa espiritualidade e nos conduz sempre à comunhão com Cristo.

Maria permanece conosco com sua presença materna, as Constituições afirmam que “a Virgem Maria enche com sua presença a vida da Ordem” (Const. 48). Essa presença é materna, real e espiritual: como mãe, ela acompanha, educa e sustenta seus filhos na fé. O Carmelo vive em íntima comunhão com Maria, que inspira nossa oração, contemplação e apostolado. Essa relação não nos afasta de Cristo, mas a profunda união com o Senhor nos conduz à plenitude da caridade, que é o coração da vida cristã.

A Virgem Maria é para nós, modelo de vida fraterna que nos ensina humildade, acolhida, silêncio fecundo e caridade paciente. Sua presença ilumina nossas comunidades, ajudando-nos a viver em fraternidade e respeito mútuo, o seu exemplo de fidelidade aos pés da Cruz, Maria permaneceu firme, a sua perseverança inspira nossa ascese carmelitana de renúncia, sacrifício e entrega generosa à vontade de Deus.

Para a nossa missão contemplativa e apostólica nos recorda Frei Edinaldo, somos chamados a testemunhar o Evangelho com espírito contemplativo e ardor apostólico. A presença de Maria fortalece esse duplo movimento: oração profunda e anúncio generoso.

Celebrar Nossa Senhora do Carmo é renovar nossa pertença à família carmelitana e nossa missão na Igreja, ela inspira nossa identidade, sustenta nossa oração e fortalece nosso apostolado. Que cada leitor da Revista Monte Carmelo se sinta chamado a viver essa comunhão íntima com a Mãe, deixando-se conduzir por ela à perfeita união com Cristo. Assim, nossa vida e nossa palavra se tornam testemunho vivo do Evangelho.

Sugestão para os leitores: Convido você a buscar a leitura da mensagem do Frei Edinaldo da Silva, OCD, solicitando aos coordenadores das comunidades da Ordem Secular o acesso ao documento, pois nele encontramos uma fonte preciosa de espiritualidade e formação mariana. Procure pela **referência:** SILVA, Frei Edinaldo da. **Salutem In Domino Sempiternam:** Solenidade de Nossa Senhora do Carmo. São Paulo: Cúria da Província São José Do Brasil / Sudeste, 2026.

Venha beber dessa fonte!

SÃO JOÃO DA CRUZ



As Edições Carmelitanas nasceram do desejo dos frades da Província São José de preservar, promover e difundir a espiritualidade carmelitana, colocando ao alcance do povo de Deus a riqueza espiritual do Carmelo. Por meio de publicações voltadas à formação, à oração e ao crescimento da vida interior.

Nesta Edição da Revista Monte Carmelo, apresentamos nosso catálogo de São João da Cruz a fim de suscitar em nosso leitor, o desejo de conhecer este Santo Doutor da Igreja na celebração de seu Ano Jubilar.



OBRAS COMPLETAS DE
SÃO JOÃO DA CRUZ
R\$ 385,00



OBRAS COMPLETAS DE
SÃO JOÃO DA CRUZ
(EDIÇÃO PORTUGAL)
R\$ 222,60



100 FICHAS SOBRE
SÃO JOÃO DA CRUZ
~~R\$ 117,80~~ **-20%**
R\$ 94,00



GUIA DE LEITURA DE
SÃO JOÃO DA CRUZ
~~R\$ 34,80~~ **-20%**
R\$ 27,00



VIDA DE
SÃO JOÃO DA CRUZ
CRISÓGONO DE JESUS
R\$ 130,00



VIDA DE
SÃO JOÃO DA CRUZ
(EDIÇÃO PORTUGAL)
CRISÓGONO DE JESUS
R\$ 44,00



SÃO JOÃO DA CRUZ -
DOUTOR DO TUDO E
NADA
PEDRO PAULO DI BERARDINO
R\$ 57,00



ITINERÁRIO ESPIRITUAL
DE SÃO JOÃO DA CRUZ
PEDRO PAULO DI BERARDINO
R\$ 38,00



SÃO JOÃO DA CRUZ -
O AMOR NÃO CANSAR
NEM SE CANSAR
FREI PATRÍCIO SCIADINI
R\$ 39,00



SÃO JOÃO DA CRUZ
FREI PATRÍCIO SCIADINI
R\$ 17,00



SÃO JOÃO DA CRUZ -
NOITE ESCURA LIDA
HOJE
JESUS M. BALLESTER
R\$ 45,00



NOITE ESCURA
SEGUNDO SÃO JOÃO
DA CRUZ
WILFRIED STINISSEN
R\$ 35,00



A CIÊNCIA DA CRUZ
SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ
(EDITR STEINI)
R\$ 69,00



NOITE ESCURA
(BOLSO)
SÃO JOÃO DA CRUZ
R\$ 18,00



SUBIDA DO MONTE
CARMELO (BOLSO)
SÃO JOÃO DA CRUZ
R\$ 26,00



CÂNTICO ESPIRITUAL
(BOLSO)
SÃO JOÃO DA CRUZ
R\$ 26,00



CHAMA VIVA DE AMOR
(BOLSO)
SÃO JOÃO DA CRUZ
R\$ 17,00



NOITE ESCURA
SÃO JOÃO DA CRUZ
R\$ 60,00



CÂNTICO ESPIRITUAL
SÃO JOÃO DA CRUZ
R\$ 59,90



CHAMA VIVA DE AMOR
SÃO JOÃO DA CRUZ
R\$ 45,00

Acesse nossa Loja Virtual:
www.edicoescarmelitanas.com.br

FORMAÇÃO PASTORAL E CATEQUÉTICA

APOSTOLADO EM SÃO JOÃO DA CRUZ

Anderson Vergílio de Queiroz

Grupo Madre Carminha- Pinheiral/RJ

Iliane Macedo Silva Mendes

Grupo Santa Elisabete da Trindade – Brasília/DF

Bárbara Arrais

Comunidade de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face – Camaragibe / PE

Maria Sônia de Souza Almeida

Comunidade Santa Teresinha, Sete Lagoas-MG



**Membros da Comunidade de S. Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face
Camaragibe / PE em formação e vida fraterna - Fonte: Arquivo pessoal (2026)**

“Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15)

São João da Cruz viveu a missão dada pelo próprio Cristo com excelência. Sua vida revela a vivência do Evangelho com radicalidade; é testemunho claro da graça de Deus derramada sobre o homem, e acolhida com ardor pelos corações daqueles que amam ao Pai. Frequentemente lembrado pelos seus escritos místicos,

seu apostolado não se deteve apenas ao conteúdo formal dos seus trabalhos, mas foi marcado pelo exemplo de uma vida dedicada ao serviço de Nosso Senhor mediante obras de misericórdias, seja cuidando da formação espiritual daqueles a quem acompanhava, ou auxiliando os doentes e necessitados.

“Aproximando-nos de frei São João da Cruz, o que mais nos impressiona não é propriamente o divino existente nele, mas aquela dose de humanidade tão viva e concreta que transparece de seu ser sereno, composto, afável, sempre disposto, terno e delicado, compreensivo e pronto a qualquer sacrifício, até heróico, para ir ao encontro das necessidades dos irmãos” (Di Berardino, 1992, p.12).

A missão evangelizadora de São João da Cruz deu-se também pelo testemunho de uma vida configurada a Cristo. Ele nos ensina que a verdadeira evangelização exige que quem anuncia o Evangelho viva-o por primeiro, purificando a si mesmo para transformar-se em instrumento da graça divina.

Em seu livro *Subida do Monte Carmelo* (São João da Cruz, 2002, p. 433), deixa claro que “a pregação é um exercício mais espiritual que vocal”, e continua afirmando que “a sua força e eficácia dependem inteiramente do espírito interior”. Pedro Paulo Di Berardino, (1992) religioso carmelita, autor de diversas obras voltadas para a reflexão sobre a vida de oração e contemplação, descreve acontecimentos da vida do santo como força que moldou o seu caminhar para a santidade, que nos inspiram a compreender a riqueza dos seus ensinamentos, e que nos oferece meios para conduzir a nossa ação apostólica frente às demandas dos irmãos nos nossos contextos atuais.

São João da Cruz, nascido João de Yepes y Álvarez, em 1542, no povoado de Fontiveros, na Espanha, perdeu ainda na primeira infância seu pai e o seu segundo irmão. Aprendeu com sua mãe, Catarina, senhora de origem humilde e fiel devota da Virgem Santíssima, e com seu irmão Francisco, homem santo, de profunda fé, a confiar na providência divina e a dar os primeiros passos no caminho da santidade. Com eles descobriu o significado do evangelho vivido na prática. A vida de sacrifícios,

passada na pobreza, não foi motivo de revolta ou ressentimentos, ao contrário, foi acolhida no seio familiar de João, no exercício dos valores cristãos e impulsionadora do encontro verdadeiro com Deus.

Essa premissa acompanhou o frei João por toda a sua vida. Para ele a pobreza não deve ser apresentada “como falta, privação de bens, mas como capacidade, possibilidade única para acolher a plenitude de Deus” (Di Berardino, 1992, p.48). Está presente ainda nos seus ensinamentos mais profundos; sua ação evangelizadora buscava tocar a essência do ser humano para assim libertá-los dos apegos que impedem a união com Deus.

Qualquer que fosse o ofício, o objetivo era o mesmo. São João da Cruz compreendia a unidade da igreja, onde cada um é visto como a própria imagem de Cristo. Seja nos hospitais, onde auxiliou a inúmeros doentes, na assistência aos mais pobres, no aconselhamento espiritual ou no exercício de educador, realizava o seu trabalho sempre com muito zelo, centrado no cuidado pastoral, na prática da caridade e na condução das pessoas ao encontro com Deus.

Tal anseio é compartilhado também pela Santa Madre. Em seu livro *Fundações* (Teresa de Jesus, 2021, p.463) Santa Teresa, ao descrever o seu encontro com o Frei João da Cruz, reconhece nele o homem simples, que “sempre levava uma vida de perfeição e contrição”. Juntos os dois empreendem a Reforma do Carmelo Teresiano, desejosos na busca de uma vida fiel ao Evangelho, centrada na oração, pobreza, fraternidade e na contemplação.

Na Ordem, o santo exerceu importante ministério. Como confessor, diretor espiritual e orientador dedicava longas horas do seu dia ajudando as irmãs religiosas a crescerem na vida de oração e na união com Deus. Ainda nos dias de hoje a missão evangelizadora de São João da Cruz nos alcança.

Sua obra aplica-se perfeitamente às angústias do homem moderno, ultrapassando as barreiras do tempo.

São João Paulo II (1990) ao falar sobre o santo pela ocasião do 4º centenário de sua morte, ressalta a importância dos seus ensinamentos para a Igreja; refere-se aos seus escritos como um tesouro a ser compartilhado com todos os que buscam a face de Deus; e sua doutrina como palavra relevante para os dias de hoje. Para ele, os escritos de São João da Cruz, além da sólida doutrina teológica, trazem “uma exposição da vida cristã em seus aspectos fundamentais, como a comunhão com Deus, a dimensão

contemplativa da oração, a força teológica da missão apostólica e a tensão da esperança cristã”. (João Paulo II, 1990), “[trecho exato da carta extraído do site]”.

Louvamos a Deus e à Virgem Maria pela oportunidade de realizar este trabalho e, com ele, conhecer mais profundamente o testemunho e a missão de São João da Cruz. O processo de construção do artigo trouxe novos aprendizados e momentos de enriquecimento para todos nós. Agradecemos a cada membro da Comissão Apostólica pela dedicação, partilha e colaboração que tornaram possível a construção desta tarefa.



Membros do Grupo Madre Carminha- Pinheiral/RJ em formação e vida fraterna - Fonte: Arquivo pessoal (2026)



Membros do Grupo Madre Carminha- Pinheiral/RJ em formação e vida fraterna - Fonte: Arquivo pessoal (2026)

REFERÊNCIAS

TERESA DE JESUS. **Fundações**. In: Obras Completas de Teresa de Jesus. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2021. p. [423]-[543].

SÃO JOÃO DA CRUZ. **Escritos Espirituais**. In: São João da cruz: Obras completas. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. p. [61]-[130]

SÃO JOÃO DA CRUZ. **Subida do Monte Carmelo**. In: São João da cruz: Obras completas. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. p. [133]-[435]

DI BERARDINO, Pedro Paulo. **São João da Cruz: Doutor do tudo ou nada**. Tradução do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha. 1.ed. Cotia, SP: Paulus, 1992.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Apostólica Professor na Fé pela ocasião do quarto centenário de morte de São João da Cruz**. Vaticano, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1990/documents/hf_jp-ii_apl_19901214_juan-de-la-cruz.html. Acesso em: 08 de agosto de 2026.

VIDA CARMELITANA: TESTEMUNHOS E HISTÓRIAS DE VOCAÇÃO, PERCURSO HUMANO E DE FÉ A HERANÇA ESPIRITUAL DE SÃO JOÃO DA CRUZ NA MINHA VIDA COMO CARMELITA SECULAR

Elaine dos Santos Pereira

Grupo Virgem de Nazaré – Vitória / ES



Ser Carmelita Secular, para mim, é muito mais do que pertencer a uma comunidade ou conhecer a espiritualidade do Carmelo. É assumir um caminho de transformação interior, buscando diariamente uma maior união com Deus. **Nesse caminho, São João da Cruz tornou-se um verdadeiro mestre e companheiro.**

Seus escritos me ajudam a compreender que a vida espiritual não acontece apenas nos momentos em que tudo está bem, mas também no silêncio, nas dificuldades, nas esperas e, sobretudo, naqueles momentos em que Deus parece estar escondido.

Vivemos em um mundo que nos convide constantemente ao barulho. Somos cercados por informações, imagens, mensagens, preocupações, compromissos e inúmeras distrações. Muitas vezes, mesmo quando o nosso corpo está em silêncio, o nosso interior continua agitado. Somos atraídos por tantas coisas que, sem perceber, podemos nos afastar do essencial: Deus.

É nesse contexto que São João da Cruz se torna tão atual para mim. Ele me ensina que, para encontrar Deus, preciso aprender a silenciar, desapegar-me e deixar que Ele ocupe o centro da minha vida. Seu caminho espiritual me recorda que a união com Deus exige espaço interior, e que nem todo vazio precisa ser preenchido com alguma coisa. Algumas vezes, é justamente no silêncio que Deus começa a falar.

Caminho realizado na vida cotidiana: dificuldades e aprendizagens, vivências de fé e vida

Como Carmelita Secular, uma das maiores dificuldades que enfrento é aprender a manter o recolhimento interior em meio às exigências da vida cotidiana. Minha vocação não acontece longe do mundo, mas dentro da realidade da família, do trabalho, da comunidade e das responsabilidades diárias. Nesse caminho, São João da Cruz me ensina que o verdadeiro silêncio vai além da ausência de palavras: consiste em silenciar tudo aquilo que ocupa, dentro de mim, o lugar que pertence a Deus. Muitas vezes percebo que, mesmo estando diante do Senhor, meu coração permanece disperso pelas preocupações e tarefas do dia. Por isso, o ensinamento de São João da Cruz me convida constantemente a voltar para o interior da alma e a buscar somente Deus como centro da minha vida.

A experiência da “noite escura” tornou-se especialmente significativa para mim. Ela me ajuda a compreender que a caminhada espiritual não é feita apenas de consolações e sentimentos agradáveis. Existem momentos de aridez, silêncio e dificuldades na oração. Porém, em vez de enxergá-los como afastamento de Deus, procuro vê-los como oportunidades de amadurecimento espiritual.

A noite ensina a perseverar, confiar e amar a Deus para além das emoções. Essa purificação também me torna mais humilde, paciente e consciente das minhas limitações. Compreendo que Deus utiliza esses momentos para tirar de mim aquilo que impede uma entrega mais livre e verdadeira ao Seu amor.

A espiritualidade carmelitana precisa estar presente em todos os ambientes da minha vida. Na Igreja, na vivência dos sacramentos, na oração, em casa, na vida cotidiana, sou chamada a transformar a oração em atitudes concretas de paciên-

cia, escuta, perdão e caridade. No trabalho, procurar viver o silêncio interior em meio às pressões e desafios, tratando cada pessoa com respeito e serenidade.

Outra grande lição de São João da Cruz é o desapego. Ele me ensina que amar não significa possuir, mas confiar. O desapego me ajuda a entregar a Deus minhas expectativas, vontades e preocupações, reconhecendo que nem tudo acontece conforme meus planos. Dessa entrega nasce uma liberdade interior que me permite viver com mais paz e confiança.

Ao aprofundar-me nos ensinamentos de São João da Cruz, percebo que tudo converge para o amor. O silêncio, a oração, a contemplação, o desapego e a noite (escura) não são fins em si mesmos, mas caminhos que conduzem à união com Deus e a uma maior capacidade de amar.

Assim, desejo que a espiritualidade carmelitana não seja apenas um conhecimento adquirido, mas uma realidade transformadora, visível na maneira como vivo, sirvo e me relaciono com os outros. Dessa forma, São João da Cruz deixa de ser apenas um santo que estudo e torna-se um mestre que procuro seguir diariamente.

Minha experiência como Carmelita Secular me faz perceber que a espiritualidade de São João da Cruz é profundamente atual. Em um mundo que constantemente nos chama para fora de nós mesmos, ele me ensina a voltar para dentro e encontrar Deus. O mundo oferece cada vez mais barulho, velocidade e distração. São João da Cruz me convida ao silêncio.

O mundo me ensina a buscar respostas imediatas. Ele me ensina a esperar. O mundo valoriza aquilo que aparece. Ele me ensina o valor da vida escondida em Deus. A noite escura me recorda que nem sempre compreender é necessário; muitas vezes, é preciso confiar, me ensina que Deus po-



de estar trabalhando em mim justamente quando não consigo perceber sua presença.

Ainda estou caminhando. Ainda preciso aprender a silenciar, desapegar, perseverar e amar. Mas é justamente por isso que São João da Cruz se tornou tão importante para minha caminhada. Ele não me apresenta um caminho fácil, mas me mostra um caminho verdadeiro: o caminho da oração, da purificação, do silêncio e do amor.

Ser Carmelita Secular é, para mim, aprender a levar esse caminho para todos os lugares: para a Igreja, onde encontro o Senhor; para minha casa, onde sou chamada a amar concretamente; para o trabalho, onde sou chamada a testemunhar; e para todas as realidades da minha vida.

Com São João da Cruz, compreendo que o verdadeiro objetivo da caminhada não é simplesmente sentir Deus, mas pertencer a Ele. Não é procurar experiências extraordinárias, mas permitir que Ele transforme meu coração. E talvez essa seja ***uma das maiores heranças que São João da Cruz deixa para minha vida: aprender que, quando Deus se torna verdadeiramente o centro, até o silêncio pode se transformar em oração, a noite pode se transformar em caminho e toda a existência pode se tornar uma resposta de amor.***

REFERÊNCIAS

JOÃO DA CRUZ, São. Obras completas. Petrópolis: Vozes, 2002.

FÓRUM SÃO JOÃO DA CRUZ

Artur Viana do Nascimento Neto

Presidente da Regional Santa Teresinha

Coordenador da Organização do Fórum



O ano de 2026 começou com uma grande notícia e com um convite muito especial para toda a Ordem do Carmelo Descalço. Ao longo destes meses, celebramos duas efemérides sanjuanistas importantíssimas: o terceiro centenário de canonização e o primeiro centenário de doutoramento de São João da Cruz.

Logo após o triênio de estudo sobre a obra e a doutrina de Santa Teresinha (2023-2025), fomos presenteados com a oportunidade de aprofundar nosso amor e nosso conhecimento acerca do Doutor Místico. Para isso, a Casa Geral e a nossa Província têm promovido iniciativas periódicas de aproximação à doutrina sanjuanista, com eventos mensais e variados, a nível local, regional e provincial. Essas atividades culminarão no Fórum São João da Cruz que será celebrado em Aparecida (SP), dos dias 19 a 22 de novembro de 2026.

O Fórum está sendo organizado pela Ordem Secular da Província São José em comunhão e com apoio dos nossos frades. O evento tem alcance nacional, pois conta com a presença da família carmelitana de todas as partes do país, mas também internacio-

nal, uma vez que teremos, dentre nossos palestrantes, três personalidades estrangeiras.

As informações específicas do Fórum podem ser consultadas no site do evento, bem como os procedimentos de inscrição e pagamento (essas orientações chegam automaticamente para o e-mail usado na inscrição). A programação está riquíssima, contando com momentos de oração, de formação, de convivência fraterna, que nos conduzirão a uma experiência direta com São João da Cruz.

Se você é um católico comprometido com sua vida espiritual, esse evento é para você! Se você é carmelita, esse Fórum é ainda mais indispensável! Trata-se do mais importante evento da Província neste ano, deste modo, que todos os nossos esforços sejam canalizados para esse momento. Programe-se e marque presença!

Site do Fórum: <https://www.even3.com.br/forumsaojoaodacruz-705237/>

E-mail para maiores informações:
sjcforum2026@ocds.org.br

Um forte abraço!

FORMAÇÃO ESPIRITUAL: OS PRONOMES DA RADICALIDADE E DA TOTALIDADE EM S. JOÃO DA CRUZ

Frei César Cardoso, ocd



Tudo e Nada: estes dois pronomes indefinidos e invariáveis foram utilizados muitas vezes por São João da Cruz em suas obras. Eles manifestam, na concretude da linguagem, a realidade espiritual do homem destinado a elevadíssimas paragens, a partir de sua situação terrena tão precária. Como pronomes que apontam para a radicalidade e a totalidade, eles acabaram dando a São João da Cruz um título que lhe define — “doutor do tudo e do nada” —, porque a missão do santo consistiu em alertar para os destinatários de seus ensinamentos e de suas obras sobre a insignificância de quanto se busca e o verdadeiro e último sentido do que deve ser buscado.

É especialmente no livro da *Subida do Monte Carmelo* que aqueles pronomes aparecem com mais força, porque é nesta obra que o místico doutor trata da situação humana descontrolada, perdida, que precisa encontrar-se com objetivo único de seu amor, que é Deus. Saber-se criado por Ele e direcionar toda a própria vida para Ele, no abandono de tudo o que Ele não é, é a razão de ser e o tema central da obra.

Para São João da Cruz, Deus é o tudo da pessoa humana. É a razão da vida e do agir humano. O “tudo” diz principalmente de Deus, a razão última da nossa vida, a única e insubstituível razão. Nós fomos criados para Ele, e há por parte de Deus uma exigência de exclusividade inclusiva, e esta exigência é exprimida com o advérbio “só” em muitas passagens. “*Só Deus é o Deus da alma*” (IS. 5,7); “*só Deus é a sua saúde*” (C. 2,8); “*só a Deus se deve cada pensamento humano*” (D. 115), e “*só a Ele a pessoa deve voltar-se com todas as suas potências*” (III S. 4,2). Deus é nosso tudo e, tal como está dito no primeiro mandamento, a Ele devemos amar sobre todas as coisas, com toda a alma, com toda a inteligência, com toda a vontade. “*Só por Deus se deve prender cada coisa.*” (III S. 24,7; 27,4). “*Só em Deus se deve colocar a própria esperança*” (C. 28,4). “*Só nele deve realizar-se e colocar o próprio coração*” (III S. 32,2), e *porque o amor é unidade de dois sós* (C. 36,1), de dois solitários — o único desejo do indivíduo será estar “*a sós com ele*” (D. 135; III S. 39,3). Por isso, o termômetro para medir até que ponto alguém está no caminho de Deus, não é tanto o fato da pessoa guiar-se por novos valores, por novas orientações éticas, mas quando a pessoa é capaz de tudo fazer somente por Ele.

No livro da Subida, São João da Cruz revela a que ponto pode estar este Deus para o homem: um Deus esquecido que precisa ser recordado; um Deus tido em pouca conta, que precisa ser reconsiderado; um Deus pouco amado e pouco conhecido, um Deus distante, sem espaço para agir na vida e na alma das pessoas.

O Deus de São João da Cruz é um Deus querido pelo homem, desejado, mas que o homem o busca por meios errados e em lugares errados. Nós estamos sempre em busca de algo, mas enquanto não buscamos a Deus que é tudo, nos encheremos de nada, como em cisternas rotas. As coisas só têm valor quando são meios para estar em Deus. Nele tudo encontramos. Sem Ele tudo é nada.

De fato, o nada refere-se a tudo o que se busca sem ter a Deus como finalidade última. No livro da Subida do Monte Carmelo São João da Cruz coloca em contraste Deus e as criaturas, e esta oposição não pode gerar outras conclusões senão sobre o nada das criaturas e o tudo de Deus. Daí vemos como a radicalidade dos pronomes acabam por nos revelar São João da Cruz como um homem tomado pelo desejo de nos convencer de que sem Deus tudo é alvoroço sem sentido, chegando a dizer que “nem é luz a luz, nem são astros os astros e nem próximo é o irmão”.

Por isso ele demonstra sobre a necessidade de tudo desejar em Deus e nada querer senão nEle e por Ele. O caminho indicado começa com a decisão de esvaziar-se, de desprender-se das coisas que aparentemente nos davam segurança, para que Deus seja tudo em todos. Um caminho de purificação comandado por um novo amor, o amor de Deus, que tem o desejo como chave mestra, para que, desejando a Deus, possa a pessoa libertar-se do perigo de ser levada por um desejo que, de tão desordenado, a fará desembocar na idolatria. De

fato, diz São João da Cruz que quando, a despeito de Deus, buscamos as satisfações dos nossos apetites (desejos desordenados) de modo desenfreado e cansativo, vamos sofrendo danos cada vez maiores, em escalas crescentes: distanciamento de Deus, mornidão religiosa e espiritual, avareza, com a consequente aversão a Deus e, enfim, a pior de todas as danações, quando criamos deuses para nós mesmos.

Deus deve tomar o centro da nossa vida, o centro do nosso coração, criado para amá-lo. Quando isto acontece a nossa busca deixa de ser em vão, e nos livramos do perigo de ser escravos dos próprios desejos. Tudo o que buscamos nas criaturas, qualquer que seja a criatura, só encontraremos de forma plena em Deus.

A radicalidade (que diz respeito às raízes da nossa situação a partir de cujo conhecimento iniciamos um processo de comunhão com Deus) e a totalidade que, na doutrina de São João da Cruz expressam os pronomes Tudo e Nada, são atualíssimas, se levarmos em conta a tendência mundana de se buscar a realização dos próprios desejos sem rédeas, de modo total e irracional.

Que Jesus, em quem Deus vem ao nosso encontro, nosso mestre e exemplo, que não se apegou de modo total a nada, mas tudo deu de si por nosso amor, seja acolhido e amado para que nós, aprendendo dele o caminho, encontremos em Deus a força para empreender a senda do nada, pela qual tudo obteremos. “Compreenda agora o bom espiritual, o mistério desta porta e deste caminho – Cristo, - para unir-se com Deus. Saiba que, quanto mais se aniquilar por Deus segundo as duas partes, sensitiva e espiritual, tanto mais se unirá a ele e maior obra fará. E quando chegar a reduzir-se a nada, isto é, à suma humildade, se consumará a união da alma com Deus, que é o mais alto estado que se pode alcançar nesta vida” (II Subida 7,11).

FORMAÇÃO ESPIRITUAL: O ROSTO DA UNIÃO COM DEUS

Frei José Vicente Rodriguez, OCD



Ficha 74: 1. A união da alma com Deus da qual fala continuamente João da Cruz e a cuja realização mais alta neste mundo condiciona e endereça todos os seus ensinamentos não é: nem união panteísta (2S 5, 7; CB 22, 5; CA 27,3; CB 31, 1; ChB 2, 34 e ChA 2, 30), nem a união hipostática, como acontece em Cristo com a união das duas naturezas humana e divina na pessoa do Verbo (CB 37.3: CA 36.2: CB 39.5: CA 38,4), nem a união natural ou por imensidade, que sempre existe no homem (cf. 2S 5,3), nem a união beatífica ou por glória.

João da Cruz quer certamente levar as almas ao Céu, porém não neste mundo. A essa visão e pátria definitiva aspirará fortemente a alma perfeita. Por esse mesmo ardente desejo e ânsia está demonstrando não possuir ainda essa visão beatífica, ou essa união por glória (cf. ChB 1,1; ChA 1,1, e as últimas cinco canções do CB 36-40). A situação e o que deve fazer a alma são assim apresentados: "Nesta canção de agora, e nas outras seguintes, ocupa-se a alma em pedir ao Amado este beatífico manjar da visão clara de Deus" (CB 36,2).

2. União por graça

Excluídos esses outros tipos de união, fica em pé uma só: a união pela graça. Para evitar confusões, diz isso de modo mais explícito ao colocar diante dos olhos da alma como a vida espiritual perfeita que possui, substancialmente não é mais que a redenção aplicada às almas particulares ou aos indivíduos, às pessoas. E recorda à alma que esta vida ou redenção subjetiva se inaugura ou se estabelece por meio da graça que lhe é infundida no batismo (CB 23,6; 2S 5,5; CB 33,1-3). Essa união por meio da graça não muda nem de conteúdo nem de sinal durante a marcha ou no período de seu desenvolvimento ou incremento, nem no cume desse crescimento.

3. Isto se referindo às declarações explícitas; embora, porém, não garanta isso assim, torna-se claríssima a doutrina por todas e através de todas as descrições que faz da vida espiritual. Dizer, por exemplo, que a alma se torna, que é Deus por participação, não por natureza e que a pessoa humana transformada possui como bens, como dons ou dádivas os próprios bens que Deus tem por sua natureza e que a alma goza de tudo quanto é e tem o próprio Deus, mas de um modo participado, nada mais é do que dizer, repetir que se trata de união por meio da graça, por amor etc. Essas são ideias-base sobre as quais opera, passa e repassa muitas vezes, especialmente nas canções finais do *Cântico*.

4. Não é preciso sequer dizê-lo: que nem em todas as vezes nas Obras sãojoanistas recorre à expressão "união da alma com Deus", nem todas digo, significa o estado de vida espiritual mais alto possível neste mundo. Às vezes com esta expressão designa outros graus ou estados inferiores da vida espiritual, por ex., em CB 14-15 falando do "desposório espiritual Deus" (n. 29). Outras vezes ao usar essas expressões: união da alma com Deus, união

com Deus, união divina etc. refere-se simplesmente ao primeiro grau, isto é, à simples ausência de pecado mortal e ao estado de graça, ou melhor, ao segundo, terceiro e quarto grau... É o contexto de cada caso que permite precisar. Não apresenta maior dificuldade, quando se lê com atenção e discernimento.

5. Resumindo e deixando decantar o que vínhamos dizendo, pode concluir-se que a união da alma com Deus, ou seja, a união divina por excelência é a meta das explicações de João da Cruz. "A esta, diz, se endereça e encaminha a nossa pena" (2S 24,4). A esta mesma meta aspira a alma e, ademais, e isto é o mais importante, a este ponto se dirige toda a atividade divina no governo e na condução das almas. Deus, as almas e o santo buscam juntos "o cume do Monte, que é o alto estado da perfeição que aqui chamamos união da alma com Deus" (*Subida-argumento*).

RODRIGUEZ, José Vicente. **100 fichas sobre São João da Cruz: para aprender e ensinar.** Tradução: frei Antônio João Perim. Belo Horizonte: Edições Carmelitanas, 2026.



FORMAÇÃO ESPIRITUAL - A UNIÃO MÍSTICA COM DEUS: O CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

***Síntese do encontro formativo oferecido à Ordem dos Carmelitas Descalços
Seculares (OCDS) realizado por Frei Luiz Maria de Santa Teresa de Jesus, OCD***



A união com Deus não é um mero conceito teológico abstrato nem um privilégio reservado a poucos contemplativos isolados do mundo. Na tradição mística do Carmelo, a união divina é a consumação da vocação humana e a realização plena da graça batismal — um convite vivo para transformar a própria alma em uma morada acolhedora para o Mistério Divino no cotidiano.

A vocação antropológica e o significado da união

Viver no "obséquio de Jesus Cristo" constitui a essência da espiritualidade carmelitana. Sob a luz da antropologia de São João da Cruz e dos ensinamentos de mestres espirituais como o Frei Maximiliano Herráiz, compreende-se que o ser humano possui uma capacidade inata e estrutural para unir-se ao seu Criador. Essa orienta-

ção para o sagrado não é um ornamento opcional, mas uma necessidade existencial profunda: sem ela, a vida corre o risco de esvaziar-se em uma existência desprovida de sentido definitivo.

A dinâmica dessa intimidade encontra um ícone bíblico exemplar na casa de Betânia, onde as figuras de Marta, Maria e Lázaro expressam o acolhimento afetuoso e a amizade cotidiana com o Senhor. Assim como a Sagrada Família encontrou lugar para a encarnação do Verbo em circunstâncias simples e despretensiosas, o Carmelo propõe transformar a alma humana em uma "hospedaria" ou morada divina.

"O ser humano traz gravado em seu ser o desejo do infinito. A união mística não é um ponto de partida, mas o fruto amadurecido de um longo processo de autocohecimento e responsabilidade pessoal."

O caminho do autoconhecimento e a purificação do amor

Para atingir a união sobrenatural, a alma precisa percorrer o caminho do autoconhecimento lúcido. Isso exige reconhecer com honestidade tanto as próprias virtudes quanto as misérias, aprendendo a discernir entre a presença do Deus verdadeiro e as ilusões de prazer passageiro que não provêm d'Ele.

Esse processo de despojamento e conversão tem início no Batismo. A graça baptismal não atua como um verniz superficial sobre o indivíduo, mas penetra as profundezas da substância da alma, agindo como o fermento na massa ou a semente de mostarda que cresce progressivamente. À medida que a pessoa se esvazia do que não é Deus, torna-se um canal por onde fluem "rios de água viva", cumprindo a promessa evangélica de fecundidade espiritual.

A linguagem da esponsalidade e o drama do amor

A tradição bíblica — expressa com viva intensidade no Cântico dos Cânticos e nos profetas Oséias e Isaías — recorre à linguagem da esponsalidade para traduzir o mistério dessa relação. Existe um movimento mútuo de busca: a alma procura ansiosamente o Amado, enquanto o próprio Deus já a buscava desde sempre.

O amor é o combustível essencial dessa jornada. Sendo Deus a plenitude do Amor, a alma necessita atravessar a chamada "noite de purificação". Longe de ser um castigo ou privação arbitrária, essa noite pedagógica é um ato de puro amor divino que limpa e liberta as potências humanas de tudo o que impede a comunhão perfeita.

A oração mental como tratado de amizade

Seguindo a clássica definição de Santa Teresa de Jesus (Teresa d'Ávila), a oração mental é compreendida como um autênti-

co "tratado de amizade", onde a alma se coloca a sós com Aquele que sabe que a ama. Dado que o ser humano é inevitavelmente moldado pelas realidades com as quais se relaciona, a convivência íntima e constante com Cristo exerce uma força transformadora e divinizante na mente e no coração.

Deus como pessoa real vs. a abstração da fé

Um dos maiores obstáculos da vida espiritual moderna é tratar a fé como uma mera abstração teórica. Quando Deus é visto de forma impessoal, enfraquece-se a disposição para a conversão profunda. Na oração mental, o temor inicial da punição transforma-se gradualmente no desejo amoroso de corresponder à presença viva de uma pessoa real.

A união com Deus dá-se de pessoa para pessoa; por isso, a alma jamais poderá encontrar pleno preenchimento em objetos, tecnologias, animais ou criaturas. Apenas o Deus que se encarnou e assumiu a humanidade em Jesus Cristo oferece o fundamento ontológico para essa comunhão amorosa.

A habitação divina no núcleo da alma e a união transformante

É fundamental distinguir entre a união natural e a união sobrenatural (ou transformante):

União Natural: É a presença de Deus por essência e sustentação, habitando o centro mais profundo de todas as almas para mantê-las na existência e na Graça. Como ensina Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) em sua obra *Ser Finito e Eterno*, esse espaço interior é o "santuário" ou o "núcleo do núcleo" da alma, local onde se tomam as decisões mais decisivas e onde ocorre o diálogo em silêncio com o Criador.

União Sobrenatural: É o ápice da vida espiritual, definido pelo Beato Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus como o cume da caridade. Ocorre quando a vontade humana se



conforma plena e perfeitamente à Vontade Divina, não restando ao ser humano nada de contrário a Deus.

Para explicar essa transformação, a mística carmelitana utiliza a clássica analogia do fogo e da madeira: o Espírito Santo age sobre a alma assim como o fogo sobre a madeira — primeiro consome a aridez, purifica o orgulho e as imperfeições, para finalmente inflamar e transformar a própria madeira no mesmo brilho e calor do fogo.

Um desafio encarnado: viver a união no mundo contemporâneo

Como ressaltado no diálogo formativo com a comunidade da Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares (vida ativa e laical), a vocação à união mística não é exclusiva da vida monástica, mas constitui um **chamado universal à santidade**.

O Carmelita Secular e o Espírito do Evangelho

O grande desafio dos leigos e carmelitas seculares é viver "no mundo sem ser do mundo". Diferente dos religiosos de vida clausurada, os seculares enfrentam a dispersão cotidiana, as preocupações da vida ativa e as pressões culturais. Contudo, é perfeitamente viável cultivar a purificação ativa e a

presença constante de Deus no meio dessas tarefas diárias.

Para evitar a dispersão do pensamento — que Santa Teresa com humor chamava de "a louca da casa" —, a alma precisa fundamentar-se rigorosamente na **Palavra de Deus** e no ensinamento bíblico-evangélico de São João da Cruz. O Evangelho de São João, especialmente a Oração Sacerdotal de Jesus (Jo 17, 21-23), apresenta a comunhão trinitária como o grande projeto de vida de todo cristão: *"Para que todos sejam um, como tu, Pai, o és em mim e eu em ti"*.

Conclusão: perseverança na jornada rumo ao mistério

A jornada rumo à união mística exige constância diante das aridezes, noites e momentos de silêncio de Deus. Longe de ser um refúgio alienante, a verdadeira intimidade mística culmina sempre na ação: ela abre os segredos da Redenção e impele o crente à prática das obras de misericórdia e ao serviço generoso ao próximo. Sustentados pela Graça, pela meditação assídua das Escrituras, pelos sacramentos e pelo apoio da comunhão eclesial, cada cristão é encorajado a perseverar com coragem, sabendo que aquele que iniciou a boa obra no centro da alma é fiel para levá-la à plena realização.

FORMAÇÃO ESPIRITUAL - A TRANSVERBERAÇÃO DO CORAÇÃO DE S. TERESA DE JESUS: UMA MEMÓRIA VIVA PARA O CARMELO

Sabrina de Santa Teresa de Jesus e da Trindade, ocds

Equipe Editorial - Esposa, mãe e advogada. Presidente OCDS Grupo Virgem de Nazaré.



A transverberação do coração de Santa Teresa de Jesus é uma das experiências místicas mais conhecidas e amadas da tradição carmelitana. Celebrada no Carmelo teresiano no dia 26 de agosto, essa memória nos convida a contemplar não apenas um fato extraordinário da vida de nossa Santa Madre, mas sobretudo o mistério de Deus que fere para purificar e inflamar nossos corações com Seu amor para glorificá-lo e para o serviço do seu reino.

A alma amadurecida na oração

Santa Teresa de Jesus viveu em um tempo de profundas reformas na Igreja. Seu amor por Deus e, conseqüentemente, pela Igreja, permitiu que o Papa Paulo V a definisse com as seguintes palavras: “Teresa foi dada por Deus à Igreja como mestra da vida interior. Sua doutrina não é fruto de esforço pessoal, mas infundida do Alto” (HOCHT,

Johannes Maria. LOS ESTIGMATIZADOS. Madrid, 1951.) Sem dúvidas, todo arcabouço de sua doutrina, voltada à vida espiritual, ocupa o primeiro lugar na literatura mística e, no entanto, todos os seus escritos, como a própria santa diz, são frutos de experiências que ela própria quase não soube distinguir, tornando-se, por isso mesmo, tão pessoal e convidativo a todos.

A transverberação de seu coração ocorreu no contexto de uma vida intensa de oração e marcou profundamente sua maturidade espiritual. Essa experiência não apenas acompanhou sua missão como reformadora do Carmelo, mas também fez de Teresa uma referência de vida mística para os cristãos ao longo dos séculos. Pelo caminho da oração e da contemplação, ela foi crescendo em cada etapa da vida interior: da meditação à união com Deus, culminando no seu coração trespassado pelo amor divino.

Uma ferida de amor

A palavra “transverberação” significa, de modo simples, ser atravessado ou trespassado. No caso de Santa Teresa, não se trata unicamente de um mistério de sua alma, mas um acontecimento com reflexos exteriores. De fato, há uma linguagem mística em que os elementos como o dardo, o fogo e a ferida falam do amor divino que penetra o mais íntimo da pessoa e a deixa incapaz de se contentar com menos do que Deus, mas não se pode negar a ação física que esse fenômeno deixou no coração que tanto amou, amplamente estudado entre pesquisadores e atestado pela presença da relíquia de seu co-

ração no Mosteiro da Anunciação de Nossa Senhora, em Alba de Tormes. Segue a Imagem: Foto do relicário contendo o coração trespassado de Santa Teresa de Jesus, localizado em Alba de Tormes, Espanha.

Ela mesma descreve o fenômeno, no Livro da Vida, cap. 29, da seguinte maneira: “Quis o Senhor que eu tivesse algumas vezes esta visão: eu via um anjo perto de mim, do lado esquerdo, em forma corporal, o que só acontece raramente. (...). O Senhor quis que eu o visse assim: não era grande, mas pequeno, e muito formoso, com um rosto tão resplandecente que parecia um dos anjos muito elevados que se abraçam. (...).

Vi que trazia nas mãos um comprido dardo de ouro, em cuja ponta de ferro julguei que havia um pouco de fogo. Eu tinha a impressão de que ele me perfurava o coração com o dardo algumas vezes, atingindo-me as entranhas. Quando o tirava, parecia-me que as entranhas eram retiradas, e eu ficava toda abrasada num imenso amor de Deus. A dor era tão grande que eu soltava gemidos, e era tão excessiva a suavidade produzida por essa dor imensa que a alma não desejava que tivesse fim nem se contentava senão com a presença de Deus. Não se trata de dor corporal; é espiritual, se bem que o corpo também participe, às vezes muito. É um contato tão suave entre a alma e Deus que suplico à Sua bondade que dê essa experiência a quem pensar que minto”.

Essa ferida de amor, experimentada por Teresa, não destrói; ao contrário, dilata o coração para amar ainda mais. Teresa experimenta uma dor cheia de suavidade, porque nela percebe a ação de Deus que a atrai inteiramente para Si. A transverberação é, portanto, sinal de uma alma profundamente visitada pelo Amor, mas também sinal de uma vocação: quem é tocado por Deus com tamanha profundidade é chamado a amar mais, servir melhor e viver com maior liberdade interior.

Como o Carmelo reverência esse mistério

Para nós, carmelitas, reverenciar a transverberação do coração de Teresa é antes de tudo reconhecer que o centro da espiritualidade carmelitana é o amor de Deus vivido na oração. Não veneramos esse fenômeno como algo distante, ou como fruto de um assombro por algo sobrenatural, mas contemplamos o mistério como uma realidade desejável a todos que são chamados à entrega generosa a Deus, introduzida pela amizade da oração e completada pela união esponsal com o Amado.

O carmelita honra a transverberação quando mantém viva a chama da oração, quando deixa-se forjar totalmente livre para Deus e quando ajuda o mundo a recordar que só o Amor é capaz de dar sentido pleno à existência humana.

Uma memória para hoje

Relembrar, portanto, esse dia especial entre os Carmelitas significa muito mais que fazer memória de um mistério extraordinário. É, na verdade, um chamado para refletirmos sobre nossas vidas no Carmelo, buscando perceber se aquilo que admiramos em nossa vocação e amamos no carisma está sendo realmente vivido em nossos corações e revertido em atos concretos de virtudes para Deus e para toda a comunidade.

Num tempo em que tantos corações vivem dispersos, cansados ou feridos por desordens de todos os gêneros, a transverberação de Teresa anuncia uma verdade sempre atual: Deus deseja habitar o coração humano, abrasando-o com um amor que não passa. Para o Carmelo, essa memória é um convite a voltar ao essencial: permanecer diante do Senhor, deixar-se amar por Ele para que, com Ele e por meio dele, possamos responder com generosidade à sua graça em nós.

FORMAÇÃO PASTORAL E CATEQUÉTICA VIDA FRATERNA NO CARMELO: A PALAVRA QUE NOS UNE

Comissão de Vida Fraterna



Foto: Membros do Grupo Santa Elisabete da Trindade- Brasília/ DF em formação e vida fraterna

Fonte: Arquivo pessoal (2026)

Setembro, mês dedicado à Bíblia, é um convite especial para voltarmos o coração à Palavra de Deus, fonte de nossa fé, de nossa oração e de nossa vida fraterna. Justamente no mês de setembro, comemoramos a festa de Santo Alberto, que nos deu nossa Regra, pela qual somos chamados a permanecer "meditando dia e noite na Lei do Senhor" (Regra, 9). Porém, para nós Carmelitas Seculares, essa Palavra não pode permanecer apenas nas páginas da Sagrada Escritura: ela precisa tornar-se vida.

Santa Madre Teresa compreendeu profundamente que o caminho do Carmelo não poderia ser vivido de maneira isolada. Ao pensar suas pequenas comunidades, desejava que suas irmãs fossem verdadeiramente amigas e companheiras de caminhada, uni-

das pelo amor a Cristo. A vida fraterna deve ser, portanto, um espaço onde cada pessoa possa experimentar o amor de Deus e, ao mesmo tempo, tornar-se sinal desse amor para as outras. A Palavra de Deus nos recorda: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amo" (Jo 15,12). Esse mandamento de Jesus ilumina de maneira especial nossa vida comunitária. Amar como Cristo nos ama significa acolher, escutar, compreender, perdoar, ter paciência e cuidar uns dos outros. Significa também reconhecer que ninguém caminha sozinho no Carmelo.

Santa Teresa desejava comunidades onde reinasse uma verdadeira amizade espiritual, uma fraternidade simples e alegre, capaz de sustentar cada irmã nas dificuldades e de celebrar juntas as alegrias. É nesse



Foto: Membros da Comunidade de Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face – Camaragibe / PE em reunião de formação: Palavra de Deus é centro da vocação no Carmelo - Fonte: Arquivo pessoal (2026)

espírito que somos chamados a olhar para nossos irmãos e irmãs não como pessoas perfeitas, mas como companheiros que Deus colocou ao nosso lado para que, juntos, avancemos no caminho da santidade. A Palavra também nos ensina: “Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos, e deste modo cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). Quantas vezes uma palavra amiga, uma visita, uma escuta atenta ou um gesto de carinho podem aliviar o peso que alguém carrega em silêncio! A vida fraterna se constrói justamente nesses pequenos gestos, quando deixamos que a Palavra de Deus se transforme em atitudes concretas.

No Carmelo, oração e fraternidade caminham juntas. Não podemos dizer que amamos profundamente a Deus se não pro-

curamos amar aqueles que Ele colocou ao nosso lado. A oração nos leva ao encontro de Cristo e, encontrando Cristo, somos enviados ao encontro dos irmãos. Que neste mês da Bíblia a Palavra seja luz para nossas comunidades, inspiração para nossas relações e força para vencermos tudo aquilo que ameaça a unidade e a fraternidade.

Que a Palavra de Deus "habite sempre em nossos corações" (Regra, 19) e faça de nossas comunidades um verdadeiro testemunho de fraternidade, amizade e amor. Santa Teresa de Jesus, mulher da oração e da fraternidade, rogai por nós e ensinai-nos a construir, todos os dias, comunidades e grupos onde verdadeiramente "a pessoa de Cristo seja o centro" (Constituições, 24a).

FORMAÇÃO PASTORAL E CATEQUÉTICA: CORAGEM PARA NÃO SERMOS CARMELITAS DE MUSEU

Sabrina de Santa Teresa de Jesus e da Trindade, ocds

Equipe Editorial - Esposa, mãe e advogada. Presidente OCDS Grupo Virgem de Nazaré.



Ilustração: Santo Elias, Santa Teresa e São João da Cruz

Quando falamos do Carmelo, falamos da solidão, do silêncio, do encontro com Deus na intimidade do coração, mas também falamos de missão. Missão que atravessa o tempo, distâncias, povos e línguas e que exige de nós uma virtude facilmente esquecida: a coragem. Nossas monjas, que carregam a marca da missão espiritual, imprimem uma identidade forte ao Carmelo como um todo. No entanto, frades e seculares, com movimentos mais ativos no mundo precisam, respaldados pelas orações de toda a família, dar passos concretos para alargar os limites do Carmelo Descalço.

É bem verdade que as adversidades da vida têm um poder silencioso e igualmente perigoso: o de amortecer a nossa alma. Consequentemente, diante das crises, das perdas, das incompreensões e dos cansaços ministeriais e pessoais, a tentação de recuar, de buscar um recolhimento que beira a omissão ou de simplesmente "deixar as coisas como estão" bate à porta de cada carmelita. No entanto, quando olhamos para a nossa identidade, percebemos que o desânimo é incompatível com a herança espiritual que recebemos no Carmelo.

De fato, o Carmelo não nasceu para a apatia; nasceu do fogo de Elias e, igualmente, é no fogo de Deus, expresso na doutrina de nossos santos, que tem sido purificado por centenas de anos. Chegou o momento de agora, em nossa geração, também ou-sarmos caminhar pelas mesmas sendas de nossos santos fundadores, voltando às nossas origens, resgatando a mesma coragem e determinação que marcaram as bases de nosso carisma, não somente em nossos corações, mas na vida missionária que cada um é chamado a atuar.

A raiz da coragem: o zelo do profeta Elias

Nossa história, não começa no século XVI, mas no Monte Carmelo, com o Profeta Elias. É dele que herdamos o brado silencioso que ressoa em nosso carisma: o zelo ardente pela glória de Deus. Elias não foi um homem de meias-medidas. Diante da idolatria e do esquecimento da fé de seu povo, ele se levantou com uma coragem destemida. Esse espírito profético, que enfrenta as tempestades confiando apenas no sussurro da brisa leve e na soberania de Deus, é a nossa primeira causa.

Os problemas do mundo moderno e as nossas próprias fraquezas não podem nos fazer esquecer que trazemos na alma a herança daquele que desafiou reis e falsos profetas por amor ao Senhor.

A "determinada determinação" de Teresa e a audácia de João da cruz

Séculos depois, quando o Carmelo precisou de uma renovação, o Espírito Santo levantou dois gigantes que carregavam em si, de forma extraordinária, o mesmo zelo ardente de Elias. Santa Teresa de Jesus nos ensinou o segredo de toda obra de Deus: a "determinada determinação" de não parar até alcançar a meta, custe o que custar. Não é pequena a ousadia de uma mulher, no contexto da sua época, decidir reformar uma Ordem inteira.

Teresa de Jesus não tinha multidões, nem grandes recursos, nem o apoio unânime dos seus superiores. Tinha, porém, uma certeza inabalável de que Deus a queria naquele caminho — e isso bastou. Ela mesma escreveria depois, com aquele humor fino que era também expressão de fortaleza, que as dificuldades a fizeram rir de si mesma, tal o contraste entre a grandeza do projeto e a pequenez dos meios com que contava. Essa é a marca teresiana da coragem: não a ausência de medo, mas a decisão de agir apesar dele, sustentada pela confiança de que "só Deus basta".

Ao seu lado, encontramos a figura surpreendente de São João da Cruz. Muitas vezes, a iconografia e a história nos apresentam João de forma unilateral: o homem do silêncio, da noite escura, do recolhimento quase etéreo, do temperamento recolhido. Diferente de Teresa, ele não era, por natureza, um homem de gestos largos ou de iniciativas públicas. Por trás daquele caráter manso e reservado, no entanto, habitava um coração bravio, que não hesitou em cumprir a vontade de Deus.

Quando João compreendeu a urgência da Reforma, ele foi tomado por um impulso santo. É conhecida a sua pressa, o seu desejo imediato de ver o ideal do Carmelo Descalço ganhar vida. Ele não mediu esforços, não calculou riscos humanos, não esperou por meios confortáveis, não se fiou a garantias humanas e não hesitou em partir para o pequeno e pobre vilarejo de Duruelo para fundar o primeiro convento dos frades descalços. Em meio à extrema pobreza e ao frio, João da Cruz transformou um humilde casebre no berço de um novo modo de viver o carisma: pobre, orante, radical no seguimento de Cristo.

O modo de agir dos dois santos revela uma lição desconcertante: a verdadeira contemplação não nos aliena da realidade; ao contrário, ela nos reveste de uma coragem prática, ativa e transformadora.



Revestidos de coragem e fé para o trabalho missionário

Se Teresa e João tivessem cedido às dificuldades, o Carmelo Descalço hoje seria apenas um sonho esquecido, sem ter feito história. Se eles venceram, foi porque decidiram olhar para a promessa de Deus, e não para o abismo dos problemas. É urgente, com isso, enxergarmos que a coragem carmelitana nunca esperou pelas condições perfeitas. Ela não é medida pela precariedade, porque sabe que a obra não é sua, mas de Deus. Contemplação e ação, silêncio e comunhão, fadiga e determinação não são opostos no Carmelo — são duas faces da mesma entrega.

Levar o carisma para todos com ardor

Nós também somos chamados a viver essa mesma experiência. Não podemos cor-

rer o risco de nos tornarmos carmelitas de museu, guardiões nostálgicos de uma coragem que outros tiveram um dia, em vez de herdeiros vivos que a atualizaram a cada geração. A memória de Elias, Teresa e João não é peça de arquivo: é fonte viva para todo o Carmelo.

E isso significa não deixar que o cansaço, o medo do fracasso ou a comodidade das estruturas já existentes nos afastem do zelo pela glória de Deus. Significa prosseguir com os mesmos passos de nossos santos fundadores: determinação e ousadia, abandono em Deus e paciência para tudo suportar. Começar mesmo pequenos, mesmo pobres, mesmo sem todas as respostas, confiando que é o Espírito quem conduz e realiza toda a sua obra. Tudo para que possamos expandir, em todos os corações, os Carmelos que Deus deseja habitar.

SANTOS DO TRIMESTRE: S. MÍRIAM DE JESUS CRUCIFICADO O “PEQUENO NADA” A SERVIÇO DO CARMELO

Editorial Revista Monte Carmelo
(Equipe de Editoração)



Foto: Santa Míriam de Jesus Crucificado, ocd - Fonte: Pinterest, com melhoramento de Inteligência Artificial.

Entre os santos do Carmelo, Santa Míriam de Jesus Crucificado — nascida Míriam Baouardy, em 5 de janeiro de 1846, na Galileia — resplandece como uma alma pequena, pobre e profundamente marcada pelo sofrimento. Seu nome “Maria”, foi fruto de uma homenagem à Virgem Maria em ação de graças por seu nascimento.

Uma alma eleita as suas experiências existenciais vão preparar o caminho para o reconhecimento de sua fraqueza, de seu nada, e da total dependência da graça de Cristo, cumprindo o que disse São Pau-

lo Apóstolo: “glorio-me das minhas fraquezas... pois quando sou fraco, então é que sou forte” (2Co 12, 10).

Órfã ainda criança (1849), passa a morar com o tio. Separada do irmão e levada para o Egito cinco anos mais tarde, conheceu cedo a instabilidade, a dureza da vida e, principalmente, a solidão, a fim de concretizar a profecia de Oséias: “eu a atrairei, a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração” (Os 2, 14).

Por volta dos 12 anos, recusou um casamento imposto para conservar-se fiel a

Cristo, sofreu violenta agressão e foi abandonada como morta; mais tarde, reconheceria nesse episódio uma misteriosa proteção do Céu, que a conduziria por caminhos de humildade, serviço e total entrega a Deus, como está escrito no Evangelho: “todo aquele que deixar o lar, irmãos, irmãs, o pai, a mãe, a esposa, os filhos ou propriedades para me seguir, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna” (Mt 19, 29). Tanto assim que quase toda a sua vida passou trabalhando como empregada doméstica – para obedecer ao Bom Pastor, que disse, referindo-se às suas futuras ovelhas: “se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo” (Jo 13, 8).

Sua vida foi também acompanhada por fenômenos místicos extraordinários, estando sua alma já amadurecida para recebê-los sem alarde e sem vaidade. A consciência de ser “um pequeno nada” diante de Deus, presente nela pelo conhecimento da doutrina de São João da Cruz e pela ação do dom de sabedoria, tornava-a um tesouro escondido na simplicidade, na obediência e no amor filial à Igreja.

A Igreja não canoniza uma alma por causa dos fenômenos místicos que a acompanham, mas pela caridade heróica que nela floresce. Em Míriam, os dons extraordinários reverteram em vida ordinária santificada: paciência nas humilhações, fidelidade nas contradições, amor à comunidade, docilidade aos superiores, zelo pela Igreja e desejo ardente de que o Espírito Santo fosse conhecido e amado. Sua mística não a fechou em si mesma; abriu-a para o serviço.

Em 1867, entrou no Carmelo de Pau, na França, onde recebeu o nome de Irmã Maria de Jesus Crucificado. O nome exprimia bem o centro de sua vocação: unir-se a Cristo sofredor, não de modo teórico, mas na própria carne, na própria história e na própria pequenez. Foi justamente nesse espírito de disponibilidade que ela se tornou instrumento nas fundações carmelitas. Ainda

noviça, partiu para a Índia, participando da fundação do Carmelo de Mangalore, onde professou em 21 de novembro de 1871. A jovem pobre da Galiléia, sem estudos e sem prestígio humano, atravessou mares e culturas para servir à expansão do Carmelo. Sua presença, marcada por simplicidade e fervor, ajudou a lançar sementes de vida contemplativa em terra nova, mostrando que o Carmelo cresce quando se deixa conduzir pela pobreza evangélica e pela força do Espírito.

Depois, chamada de volta à França, foi novamente enviada para uma missão decisiva: colaborar na fundação do Carmelo na Terra Santa. Em Belém, lugar do nascimento do Senhor, sua alma encontrou uma espécie de retorno às fontes. Ela, que nascera como fruto de uma peregrinação de seus pais à Gruta da Natividade, agora servia para que o Carmelo se enraizasse naquele solo sagrado. Morreu em Belém, em 26 de agosto de 1878, com apenas trinta e dois anos, com fama de santidade.

O exemplo de Santa Míriam de Jesus Crucificado fala de modo particular ao Carmelo. Ela nos recorda que Deus escolhe frequentemente o que é pequeno, frágil e desprezado para confundir a lógica do mundo. Sua origem humilde, sua vida sofrida e sua falta de instrução não foram obstáculos à graça; tornaram-se, antes, lugar de transparência.

Nela, a pobreza não gerou amargura, mas abandono; a ferida não se transformou em fechamento, mas em compaixão; os dons místicos não a separaram da comunidade, mas a impeliram a servir com maior generosidade. Por isso, como um verdadeiro luzeiro, é clarão para todo o Carmelo nos lembrando que “não se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão em casa”. (Mt 5,15). Santa Míriam, rogai por nós!

ESPAÇO LITERÁRIO CARMELITANO: VAMOS LER SÃO JOÃO DA CRUZ: POR ONDE COMEÇAR A LEITURA DE SUAS OBRAS?

Frei José Vicente Rodriguez, OCD



Qual ordem deve ser seguida na leitura das obras de São João da Cruz? Deve começar-se pela *Subida-Noite*? Pelo *Cântico Espiritual*? Por onde se deve começar?

Frei Gabriel de Santa Maria Madalena, frade carmelita descalço, já no seu tempo tocava um pouco neste assunto, ao falar de certas pessoas que, mesmo sentindo-se atraídas pela fama universal do doutor místico “quando têm as obras entre as mãos, após terem lido alguns capítulos, cansam-se e as deixam”. Elas pensam que o Santo exagera e “que não é possível viver num aniquilamento tão assustador”, como o que é ensinado por João da Cruz, e continua dizendo: “Às pessoas que manifestam desse

modo as impressões de seu primeiro encontro com o Santo, perguntai-lhes qual obra do Santo leram, e vos responderão sem dúvida: a *Subida do Monte Carmelo*. Eis a chave do mistério”.

Já antes, em algumas páginas aparecidas antes das *Obras Espirituais* do Doutor Místico tinha escrito algo parecido, pondo em contraste as reações dos leitores, conforme a obra que tinham começado a ler se era a *Subida* ou o *Cântico*. As tradutoras do Carmelo São José, de Fátima (Portugal), tinham-lhe pedido que escrevesse algumas páginas de introdução e eles as enviou.

E a opinião pessoal do frei Gabriel: “Não se deve ter o primeiro conhecimento do Santo através da *Subida do Monte Carmelo*; o primeiro livro que deveis tomar nas mãos é o *Cântico Espiritual*. Garanto-lhes que a impressão que recebereis será muito distinta”.

Outro grande filósofo e teólogo, o Pe. M. Teixeira-Leite Penido, conta de si mesmo: “E quem escreve, bem se recorda como, ao ler pela primeira vez a *Subida*, afastou-a de si e teve João da Cruz como uma pessoa feroz e desumana”. Porém acrescenta em seguida: “Ele não é nem feroz e nem desumano: “O coração dos Santos é líquido”, dizia um deles, o Cura d’Ars...”. E terminou este doutor escrevendo um grande livro sobre São João da Cruz, uma vez que superou a primeira impressão desagradável.

Há alguns anos escrevi *Discussão são-joanista amistosa* (Com Olegário González Cardenal). Discuti com ele vários pontos

da doutrina sãojoanista assim como ele as entendia. E passando a este tema da ordem, ele anda propondo um “plano de leitura dos escritos sãojoanistas ou a ordem de sua encadernação”, e pensa que “é mais objetivo, primeiro por razões históricas de surgimento e depois por razões teológicas de sentido, começar as edições com o *Cântico* e não com a *Subida* e a *Noite*. Isso ajudaria a fazer uma leitura mais animadora e numa compreensão mais fiel da própria experiência sãojoanista”. Creio ter esclarecido de maneira suficiente o tema na discussão mencionada.

Querer mudar a ordem na publicação dos textos para que as pessoas não comecem a leitura pela *Subida* parece-me inútil e desnecessário. Já frei Gabriel nas páginas introdutórias à versão portuguesa dizia com grande senso comum: “inicialmente queremos eliminar um preconceito. Muitos creem que se devem ler os tratados do Santo na ordem em que os encontramos nas edições”. Preconceito certamente inútil quando é tão fácil começar a ler por onde quiser, quando se trata de obras distintas; se tenho no início a *Subida* ninguém me impede que comece a ler pelo *Cântico*, e se tenho no começo o *Cântico* posso começar a leitura pela *Subida* ou pela *Noite*.

Na mencionada discussão amistosa com o Pe. Olegário eu terminava refundindo ideias expressas em 1987 e apoiando-me sobre elas, como vou fazer aqui, esclarecerei devidamente o tema. A meu ver, o melhor caminho na leitura das obras de São João da Cruz é seguir a ordem cronológica. Com isto podem obter-se todas as vantagens. A questão fica assim: boa parte das primícias literárias de João da Cruz é constituída por poesias. No cárcere compõe grande parte do *Cântico: 31 canções*, *A Fonte*, *romance sobre o evangelho “in princípio erat Verbum”*, *Romance sobre o salmo “super flumina Babylonis”*...

Da admiração que sentiam os conhecedores e conhecedoras dos poemas sãojoanistas pelas belezas literárias neles encerradas nasceu neles o desejo de conhecer mais a fundo, com maior amplitude e profundidade os tesouros doutrinários e vivenciais ou experiências que continham. Assim começaram a nascer os grandes comentários. Irmã Madalena do Espírito Santo descreve muito bem esta admiração inicial no diálogo que manteve com o Santo. Referindo-se ao caderno de suas poesias que São João trouxe consigo ao fugir do cárcere de Toledo, diz: “Este caderno que o Santo escreveu no cárcere ele o deixou no convento de Beas, e a mim ordenaram que o copiasse algumas vezes. Depois o tiraram da minha cela e não soube quem o fez. Causando-me admiração a viveza das palavras e sua beleza e sutileza, perguntei-lhe um dia se era Deus quem lhe sugeria aquelas palavras que tanto compreendiam e embelezavam, e respondeu-me: “Filha, algumas vezes era Deus que as sugeria, em outras eu as buscava” (BMC 10, pág. 325).

Do tipo de pressão, exercida sobre o Santo, por força dessa própria admiração padecida, para que comentasse seus poemas, ficou a constância nos prólogos dos comentários ou explicações: *Subida*, prólogo, n. 9; no título do *Cântico*, nas duas edições, diz: “Declaração[...] a pedido da Madre Ana de Jesus”. E no mesmo prólogo há outra alusão: “... porque Vossa reverência assim o quis” (n. 2). Nas duas redações da *Chama*, prólogo, n.1 e até no título, diz: “Declaração [...] a pedido da senhora dona Ana de Peñalosa”.

Outras obras menores, além dos poemas, como *As Cautelas*, *Aviso a um religioso*, “*Ditos de Luz e amor*”, o desenho do *Monte*, são também desses primeiros anos da carreira de escritor de frei João. A leitura desses escritos breves não cansará nenhum leitor que tenha algum interesse, embora o caso das *Cautelas* apresente-lhe

algum tropeço, que mais adiante remediará e entenderá perfeitamente.

Contando com esses dados da cronologia, já em minha primeira edição das Obras Completas de São João da Cruz em 1957, distribuí os escritos do Santo na seguinte ordem:

“Poesias”, “Ditos de Luz e amor”, “Cautelas”, “Quatro Avisos a um religioso”, “O Monte da Perfeição”, “Subida-Noite”, “Cântico”, “Chama”, “Cartas”, “Censura e parecer”, “Ordenanças”.

Esta disposição dos textos agradou aos leitores, e depois outros editores a seguiram nas edições espanholas e estrangeiras. Assim eu a mantive nas outras quatro edições e assim vai aparecer também na 6ª que já está sob impressão.

Eulógio Pacho, editor e grande conhecedor de todo o universo sãojoanista, opinava: “A edição manual do frei José Vicente, aparecida em 1957, significa um louvável esforço por melhorar o texto circulante, coisa que se consegue em não poucas leituras novas; apresenta também uma inovação na ordem dos escritos: as poesias e as obras menores precedem os grandes tratados, encerrando-se a edição com o epistolário e os documentos complementares. A disposição obedece a um critério prevalentemente cronológico”.

Creio honradamente que assim se tornam óbvias, sem outros arranjos nem dialéticas mentais, as dificuldades que esses eventuais leitores possam encontrar ao deparar-se alegremente pela primeira vez com a *Subida* do Monte Carmelo, que parece pôr tanto medo, e não falemos da *Noite*.

Com essa ordem na apresentação das Obras, dizíamos em 1957, “o leitor ver-se-á na grata e aprazível necessidade de pedir por sua própria iniciativa ao Santo que explique também a ele as canções e lhe descubra a vitalidade concentrada nesses avisos e sen-

tenças”. Com essa disposição dos escritos, respeitando com a maior fidelidade possível a cronologia (pelo que sabemos) com as normas ou comentários e ajudas que é costume colocar nas edições, creio que não haverá dificuldades acrescentadas ao que os escritos de João da Cruz já têm de difíceis por sua própria natureza. Naturalmente que não se obriga a ninguém seguir essa ordem de leitura, porém essa é certamente a mais fácil e conveniente.

Para encerrar, quero transcrever um texto de Pe. Baldomiro Jiménez Duque, bom conhecedor e admirador de São João da Cruz, que publicou em 1991 o que pensava a respeito desta matéria: “Não esqueçamos seus escritos menores: *ditames, cautelas, avisos, cartas, Ditos de Luz e amor*”. Nas cartas e nos ditos há pérolas belíssimas por sua sabedoria e forma, que nos dizem a garra intelectual e espiritual desse “meio frade”. Por esses escritos breves e preciosos convém iniciar a leitura. A *“Oração da alma enamorada”* é uma jóia espiritual e artística”. E volta a repetir: “Aconselho outra vez: leia-se devagar, pouco a pouco, em primeiro lugar os poemas, seus escritos breves, suas cartas. Meditem-se parágrafos escolhidos dos escritos maiores. Em seguida chega a agradecer e encantar. E sobretudo servirá de alimento espiritual. Tornar-se-á para nós “uma presença”: alguém que está vivo, próximo, com quem falamos, que nos vê, que vemos, que nos ouve e a quem ouvimos, que sentimos... Brotará uma vivência interpessoal entre ele e nós”.

Fonte: José Vicente Rodríguez. *Ficha 55: Ordem a ser seguida na leitura de São João da Cruz. In : 100 Fichas sobre São João da Cruz. Coleção: Para Aprender e Ensinar. Editorial Monte Carmelo, Burgos 2008. Tradução de Frei Antônio João Perim.*

ATUALIDADES E NOTÍCIAS: DIÁLOGO ENTRE SÃO JOÃO DA CRUZ E VIKTOR FRANKL: A PESSOA

Frei Rafael Maria de Jesus Crucificado, OCD
Centro Teresiano de Espiritualidade – São Roque (SP)



Figura: Frei Patrício e Professora Heloísa - Fonte: Acervo pessoal.

Vivemos dias verdadeiramente especiais no Centro Teresiano de Espiritualidade, reunindo pessoas que chegaram de diferentes lugares, com histórias e caminhos diversos, mas com um desejo comum: aprofundar a compreensão da pessoa a partir do diálogo entre São João da Cruz e Viktor Frankl.

Tivemos a alegria de contar com Frei Patrício Sciadini e Professora Heloísa Reis Marino, que nos conduziram com profundidade, generosidade e sensibilidade por esse diálogo tão rico.

Ao receber os relatos dos participan-

tes, uma palavra se repetia: gratidão. Gratidão pelos conhecimentos adquiridos, pelos encontros vividos, pela espiritualidade compartilhada e por tudo aquilo que continuará sendo “decantado” no coração de cada um. Essa palavra nos confirma que o encontro foi muito além de uma formação: foi uma experiência vivida. A todos que fizeram parte desses dias — participantes, palestrantes, Centro Teresiano de Espiritualidade, noviços e toda a equipe que tornou esse encontro possível — o nosso mais profundo agradecimento.



Figura 2: Dinâmica dirigida pela psicóloga Juliana. - Fonte: Acervo pessoal.

Que tudo o que vivemos continue frutificando em nossos corações, em nossa vida e em nossa missão, e que o diálogo entre São João da Cruz e Viktor Frankl continue nos inspirando a olhar para cada pessoa com mais profundidade, dignidade, esperança e sentido.



Foto: Registro final do encontro. - Fonte: Acervo pessoal.

CONEXÃO OCDS

CARISMA TERESIANO E SUA COMUNICAÇÃO:



Foto: Imagem do Canal da Província São José – OCDS no YouTube - Fonte: Canal do YouTube

O Carmelo Descalço, inspirado por Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, é um tesouro espiritual que precisa ser constantemente comunicado e vivido. A missão da Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares (OCDS) não se limita ao interior das comunidades, mas se estende ao mundo, como testemunho de oração, fraternidade e apostolado. A comunicação do carisma teresiano é, portanto, um chamado essencial: tornar visível e acessível a riqueza espiritual que sustenta nossa vocação.

A comunicação do carisma do Carmelo Descalço Teresiano é um meio de evangelização e formação. Em nossos encontros, formações e eventos, o testemunho da vida carmelitana se torna uma ponte entre tradição e atualidade, mostrando que a espiritualidade teresiana continua viva e necessária.

Os meios digitais têm se revelado instrumentos preciosos para essa missão. A Província São José mantém canais oficiais que ampliam o alcance da mensagem:

- Site oficial: ocdssaojose.org – espaço de referência para informações, formações e notícias.
- Instagram: @ocdsprovinciasaojose – ambiente dinâmico para partilha de espiritualidade e vida comunitária.
- YouTube: Província São José OCDS –

canal que oferece formações, palestras e transmissões de eventos.

- Revista Monte Carmelo: É a voz da Província, dando visibilidade às atividades e experiências das comunidades. É instrumento de formação, oferecendo reflexões espirituais e catequéticas. É espaço de comunhão, unindo seculares, frades e monjas em torno da espiritualidade carmelitana.

Esses meios não são apenas ferramentas técnicas, mas verdadeiros espaços de encontro e evangelização. Ao comunicar o carisma, fortalecemos a identidade da OCDS e oferecemos ao mundo uma espiritualidade que responde às necessidades do coração humano: silêncio, oração e comunhão.

Comunicar o carisma teresiano é missão e responsabilidade. Cada publicação, cada evento e cada formação são oportunidades de tornar presente a herança espiritual do Carmelo Descalço. Através dos meios digitais e da vivência comunitária, a Província São José da OCDS reafirma seu compromisso de ser sinal de esperança e de oração no mundo.

A Conexão OCDS é um convite: que todos nós sejamos comunicadores do carisma, testemunhas vivas da espiritualidade teresiana, e instrumentos de evangelização em nossa realidade cotidiana.

ROMANCE CRISTOLÓGICO E TRINITÁRIO

"Quando foi chegado o tempo
Em que de nascer havia,
Assim como o desposado,
Do seu tálamo saía
Abraçado à sua esposa,
Que em seus braços a trazia;
Ao qual a bendita Mãe
Em um presépio poria
Entre pobres animais
Que então por ali havia.
Os homens davam cantares,
Os anjos a melodia,
Festejando o desposório
Que entre aqueles dois havia.
Deus, porém, no presépio
Ali chorava e gemia;
Eram joias que a esposa
Ao desposório trazia;
E a Mãe se assombrava
Da troca que ali se via:
O pranto do homem em Deus,
E no homem a alegria;
Coisas que num e no outro
Tão diferente ser soía".

São João da Cruz



OCDS - Província São José

Associação das Comunidades da Ordem dos Carmelitas

Descalços Seculares no Brasil da Província São José

CNPJ: 08.242.445/0001-90